



27 – A Violência em Contexto Escolar

P. *Boa tarde. A Caritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco está connosco para mais um programa da sua responsabilidade. Traz-nos hoje um tema da actualidade, que se tornou mediático nas últimas semanas: - A Violência em Contexto Escolar.*

Elicídio Bilé, que já há algum tempo tem reflectido esta problemática, propõe-se hoje abordá-la, aqui na Rádio Portalegre.

Pergunto-lhe:

- Foram os últimos acontecimentos que motivaram o tema desta nossa conversa?

R. Muito boa tarde. Como referiu na sua introdução, a violência escolar está na ordem do dia atendendo aos acontecimentos filmados na sala de aulas de uma escola do Porto. É uma realidade que ninguém pode ignorar até porque muito se tem escrito e falado acerca desse acontecimento. Mas, não foi o facto em si mesmo que motivou o tema para a nossa conversa.

Como disse, já há algum tempo que tenho vindo a debruçar-me sobre esta problemática, pois ela não é de agora, infelizmente.

No âmbito da Comissão Diocesana Justiça e Paz, desde Outubro passado que temos vindo a reflectir sobre este fenómeno do nosso tempo e, como a Comissão se propõe levar por diante uma série de acções dirigidas aos agentes escolares e aos pais, achei por bem fazer esta abordagem.

P. *Quando se fala em violência na escola, não estamos só a falar de agressões a professores, mas também das agressões físicas e psicológicas que os alunos mais velhos exercem sobre os mais*

novos, quer dentro da escola, quer no caminho de e para a escola.

Pergunto-lhe:

- Em seu entender o que motiva este tipo de comportamentos?

R. Em primeiro lugar é necessário tomarmos verdadeira consciência de que a violência na escola é uma realidade cada vez mais acentuada.

A partir desta tomada de consciência torna-se necessário conhecer o perfil dos adolescentes portugueses que se envolvem regularmente em actos de violência na escola.

Para facilitar a nossa conversa vou socorrer-me de um estudo realizado pela Faculdade de Motricidade Humana através da equipa do Projecto “Aventura Social e Saúde”. O estudo foi realizado junto de 6903 jovens do 6.º, 8.º e 10º anos de todo o país, através de um questionário.

Das respostas podemos concluir que são os rapazes quem mais se envolve em actos de violência na escola, quer como provocadores, quer como vítimas. E que, este envolvimento em actos de violência tem um pico aos 13 anos, embora os mais novos (11 anos) se envolvam mais, enquanto vítimas.

Quanto ao perfil dos jovens que cometem violência, apresentam:

- Afastamento em relação à casa, à família e à escola;
- Aparecem com mais frequência junto de um grupo de amigos com quem se relacionam fora e depois da escola;
- Apresentam com mais frequência envolvimento com experimentação e consumo de tabaco e álcool;
- Envolvem-se em lutas e alguns são portadores de armas;
- Vêem televisão quatro ou mais horas por dia.

Quanto ao perfil dos jovens que são vítimas de violência ou que têm um duplo envolvimento (como provocadores e como vítimas) referem:

- Não se sentirem felizes;

- Não se sentirem seguros na escola;
- E, manifestam problemas de relação com os colegas: acham difícil arranjar novos amigos e referem não ter amigos.

É este, em traços gerais, o perfil dos jovens que se envolvem em situações de violência na escola.

Este tipo de violência é designado por *bullying*.

P. *Que significa, exactamente, bullying?*

R. *Bullying* é um termo de origem inglesa utilizado para descrever actos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou por um grupo de indivíduos com o objectivo de intimidar ou agredir outro indivíduo ou grupo de indivíduos incapazes de se defender.

A palavra *bully* significa “valentão”, o autor das agressões. Os que sofrem o efeito das agressões são as vítimas ou alvos.

Para o cientista Norueguês Dan Owelus o *bullying* é:

1. Um comportamento agressivo e negativo;
2. Um comportamento executado repetidamente;
3. Um comportamento que deriva de um relacionamento desequilibrado de poder entre as partes envolvidas.

P. *Como referiu, este é um fenómeno que não é novo. Porquê só agora estar a ser um dos assuntos mais falados em Portugal, não só na comunicação social, mas nas conversas do dia a dia?*

P. Como disse no início, uma das razões mais mediáticas tem a ver com os acontecimentos na escola do Porto. Mas o fenómeno é antigo se bem que em Portugal as coisas quando começam a ter visibilidade, já nos outros países se estão a procurar medidas tendentes a minorá-lo ou a combatê-lo.

- Quem não se recorda das mortes que têm acontecido nas escolas dos Estados Unidos e do Canadá e que chocaram a nossa sensibilidade?
- Quantos de nós, portugueses, pensamos que esses casos só acontecem lá fora, onde o acesso às armas está mais facilitado?

Recordo o que se passou com um aluno do oitavo ano numa escola secundária do Iowa nos Estados Unidos, que foi vítima de *bullying* contínuo durante três anos, foi vítima de alcunhas jocosas, de espancamentos num vestiário e de lhe vandalizarem os pertences, acabando por cometer suicídio em 21 de Março de 1993.

Recordo-lhe ainda o chamado “*massacre de Columbine*” em Abril de 1999 no Colorado, Estados Unidos, ocorrido numa escola secundária pública. Dois estudantes de 17 e 18 anos, adolescentes de um subúrbio americano em Denver, pertencentes a uma classe média alta, atiraram a esmo sobre vários colegas e professores e, com tiros na cabeça mataram alguns dos melhores atletas da escola, munidos de dezenas de quilos de explosivos e quatro armas pesadas.

Os dois jovens deixaram uma nota escrita, junto aos corpos dizendo “*Não culpem mais ninguém pelos nossos actos. É assim que queremos partir.*”

P. *Mas esses parecem ser casos extremos. Existe alguma comparação com o que se passa em Portugal?*

R. De acordo com a Investigadora Beatriz Oliveira Pereira, do Centro de Literacia Infantil e Bem-Estar da Criança de Braga e também Professora do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, os casos de *bullying* continuado já levaram à morte em Portugal, revelando que um desses casos ocorreu ainda este ano, mas adianta que os casos registados em Portugal são, no entanto, pontuais.

Chamar nomes, empurrar, gozar, humilhar, excluir das brincadeiras, ameaçar, etc. acontecem desde sempre e diariamente. Muitos adultos consideram até que é saudável, que revela personalidade, que ensina as crianças e os adolescentes a aprenderem a viver, a socializar-se e até a defender-se contra as agressões no futuro, mas a verdade, segundo os psicólogos, é que isto, a maioria das vezes, deixa marcas para o resto da vida, afectando a personalidade, a segurança e a auto-estima.

As vítimas de *bullying* ficam de tal forma fragilizadas que chegam a tentar o suicídio, de acordo com o pedagogo Alexandre Ventura, que afirma também que, quando as vítimas procuram denunciar as situações em que vivem, quase sempre no silêncio, são mal recebidas tornando-se também vítimas de incompreensão.

P. *Se as vítimas sofrem no silêncio, por medo de represálias ou incompreensão, como se pode identificar uma potencial vítima?*

R. De acordo com aquele pedagogo, alguns dos factores que fazem de um jovem uma potencial vítima, são:

- Ser recém-chegado a uma escola e ter ali poucos amigos íntimos;
- Ser tímido e viver num meio familiar super-protector;
- Pertencer a um grupo racial ou étnico diferente da maioria;
- Possuir uma diferença óbvia (ser muito gordo ou muito magro, gaguejar, coxear...)
- Ter necessidades educativas especiais;
- Ser portador de deficiência;
- Ser maçador ou intrometido;
- ...

P. *E como se podem identificar os efeitos ou os indícios de uma vítima de bullying?*

R. Também de acordo com Alexandre Ventura, os efeitos do *bullying* são vários:

- Baixa auto-estima; Medo; Pesadelos;
- Rejeição da escola; Insegurança; Ansiedade;
- Dificuldade de relacionamento interpessoal;
- Dificuldade de concentração;
- Diminuição do rendimento escolar;
- Dores de cabeça ou de estômago;
- Mudanças repentinas de humor;
- Vômitos; Urinar na cama; Falta de apetite;
- Choro; Insónia;
- Aumento de pedido de dinheiro e até roubos em casa;
- ...

P. *Não havendo qualquer indício, se os pais estão alertados para o fenómeno, como poderão testar se o seu filho ou filha é vítima de bullying?*

R. Antes de responder directamente à sua pergunta convém referir que, estudos recentes realizados por Margarida Gaspar de Matos e seus colaboradores, apuraram que 57,5% dos alunos entre os 11 e os 16 anos estão envolvidos em comportamentos provocatórios; que as vítimas passam despercebidas aos olhos dos pais, dos professores e da sociedade em geral; e que podem sofrer os maus-tratos durante muito tempo sem que alguém perceba o que se está a passar.

As manifestações, que atrás referi, podem não significar a existência de *bullying*, mas é uma hipótese a investigar porque, a existir *bullying*, deve ser travado o mais rapidamente possível através de todos os mecanismos possíveis e com o acompanhamento de um psicólogo.

Por isso, respondendo à sua pergunta, é importante que os pais tentem perceber, já que o fenómeno existe, se os filhos são vítimas de *bullying*, tentando responder às seguintes questões:

- O meu filho é muitas vezes alvo de brincadeiras de mau gosto?
- Qual a alcunha que ele tem lá na escola?
- Há alguma característica na sua personalidade ou fisionomia que o coloca na situação de ser um “alvo fácil”?
- Recusa-se a ir à escola e anda triste?
- Parece não ter amigos ou não se sentem à-vontade com eles?
- Mostra-se muito sensível às suas brincadeiras e reage: ou chorando, ou de forma agressiva?

P. *Caso as respostas, ou alguma delas indiciar preocupações, ou manifestar mesmo a existência de bullying, como podem os pais prevenir os danos?*

R. De acordo com os técnicos que elaboraram o questionário referido, aconselha-se:

- Se o seu filho revelar alguma característica de ser um “alvo fácil”, procure um psicólogo que o possa ajudar a lidar com essa característica para que não se torne um estigma e um motivo de vergonha;
- Esteja atento, observe o seu filho a brincar com os outros colegas e solicite aos professores o parecer deles;
- Não se torne hiper-protector, mas vigie-o com atenção.

Todas estas referências que acabo de fazer podem parecer demasiado académicas. Não é esse o meu objectivo – dar uma lição através da Rádio – mas, é sobretudo, um contributo para ajudar a reflectir e poder contribuir

para ajudar a solucionar alguns problemas que possam indiciar a existência de problemas de violência, quer como vítima, quer como agressor.

Acresce que, as questões propostas pelos técnicos e os depoimentos dos especialistas que aqui referenciei, são também uma forma de passar uma informação que considero muito importante na actualidade.

P. *Não posso deixar de o questionar sobre os recentes acontecimentos ocorridos na Escola Carolina Michaelis no Porto.*

Pergunto-lhe:

- Aquele acontecimento pode ser considerado bullying, uma vez que envolve uma professora?

R. Como já referi na tentativa de definição de **bullying**, ele significa a violência física e psicológica exercida por um indivíduo ou um grupo sobre outro indivíduo ou grupo. Logo o **bullying** é, também, uma forma de violência exercida contra um adulto ou um professor.

O que se passou no Porto e o que se tem passado em várias escolas é indisciplina, é violência que atinge não só as crianças e os jovens, mas que agora aterroriza os professores que são as novas vítimas, como afirmou a Investigadora Maria Beatriz Pereira no dia 20 de Março ao jornal “**Público**”, acrescentando que tem acompanhado casos em que os professores esperam ansiosamente que o ano escolar termine.

Diz também que “*os professores têm dificuldade em controlar os alunos, não conseguem incentivá-los e ficam cada vez mais desmotivados*” e que “*quanto maior é o insucesso escolar maior é a incidência do bullying*”.

Mais adiante refere que, “*nos casos que acompanho, os professores são constantemente denegridos, rebaixados e humilhados pelos alunos*” e que “*como defesa os professores pouco podem fazer*”.

P. *Perante este cenário, a pergunta que lhe faço é:*

- O que se pode fazer?

R. Como sabe a preocupação pelos últimos acontecimentos chegou à Presidência da República. O Senhor Presidente da República chamou a Belém o Procurador-Geral da República para discutir o problema da violência nas escolas.

Tal como os portugueses em geral, o Presidente da República manifestou-se *“profundamente chocado”* com o visionamento das imagens que estão na Internet e passam nas televisões e nos jornais.

Por sua vez o Procurador-Geral da República afirmou que *“em algumas escolas se formam pequenos gangs, que depois transitam para gangs de bairro, armados e perigosos”*, salientando que em Portugal existem vários casos em que alunos transportam armas de grande calibre para as Escolas.

Estes comentários de Pinto Monteiro foram desvalorizados pelos responsáveis do Ministério da Educação.

Perante isto, é aqui, a partir desta afirmação do Procurador-geral da República e da posição do Ministério da Educação, que vou responder à sua pergunta, em termos pessoais.

A raiz do problema não está na índole das pessoas e dos jovens. As razões mais profundas estão no tipo de sociedade que estamos a construir.

Sobre esta questão da violência escolar já em Maio de 2006 o Governo desvalorizou a situação. Uma câmara oculta filmou e uma reportagem da RTP mostrou, numa escola de Lisboa, cenas de violência entre alunos e professores. A resposta do Ministério da Educação foi considerar ter havido *“sonegação de imagens e de informação”* tendo pedido, posteriormente, pareceres à Entidade Reguladora da Comunicação Social e ao Conselho Deontológico do Sindicato dos Jornalistas.

Esta falta de sintonia na apreciação dos problemas demonstra aquilo que de errado se está a fazer no nosso país.

Quando se fala em reformas na administração pública, estas não podem acontecer de forma avulsa.

No caso da educação é preciso, em primeiro lugar, ter uma visão global dos problemas e reformar depois.

Existe um conjunto de situações que requerem coordenação: Desde logo - o Estatuto do Aluno, o Estatuto do Professor, o Sistema de Avaliação dos Professores, a Definição dos Programas e dos Conteúdos, os Horários Escolares, a Política dos Livros Escolares, a Rede de Estabelecimentos de Ensino, O Sistema de Colocação dos Professores, a Definição do número de Auxiliares de Acção Educativa em cada Escola, a Segurança, enfim, todo o sistema educativo.

Para todas estas situações deve existir uma visão de conjunto que resulte numa melhoria da qualidade do ensino em Portugal, na motivação e na formação dos docentes, no aproveitamento dos alunos, na inversão do abandono escolar, na qualificação e na formação dos jovens, habilitando-os com uma formação académica, humana e profissional, isto é na formação integral para a vida, quer pessoal, quer comunitária.

O desenvolvimento integral dos jovens, não pode ser só uma expressão com muito significado mas com pouco conteúdo. O futuro de Portugal passa pela qualidade do ensino e pela formação dos jovens de hoje, preparando-os para serem amanhã homens justos e sensíveis aos problemas que são comuns a toda a humanidade.

São os jovens de hoje que darão continuidade ao trabalho dos adultos. Quanto melhor preparados estiverem, melhor será o mundo de amanhã em comparação com aquele em que vivemos hoje

A violência nas escolas é, pois, fruto de uma má equação entre aquilo que se dá ao jovem e o que se lhe pede, com uma variável que é aquilo que o

país necessita para se tornar mais competitivo e culturalmente evoluído num mundo globalizado.

O que falta ao governo é ter capacidade reformista, mas não aos soluços. É ter uma ideia de desenvolvimento que não se fique com a mera soma aritmética das receitas para fazer face às despesas. É pensar num país de pessoas e não num país de cifras e “cifrões”.

O combate à violência nas escolas e na sociedade, se iniciado hoje, só terá resultados visíveis nas próximas gerações. É urgente começar já um programa de intervenção que leve por diante este combate, de uma forma coordenada, interdisciplinar e envolvente de toda a sociedade, a começar pelo governo, pelos pais, pelos professores, por todos os agentes do ensino, e a terminar na sociedade em geral.

P. *Falou no trabalho que se está a desenvolver, em Portalegre, no âmbito da Comissão Diocesana Justiça e Paz. Quer referi-lo?*

R. A CDJP iniciou uma série de contactos com os Conselhos Directivos de todas as Escolas de Portalegre e com o Centro de Formação de Professores. Já no próximo mês de Maio vamos realizar acções de sensibilização dirigida aos Professores, às Associações de Pais e a todos os pais e encarregados de Educação e a toda a comunidade de Portalegre, através de palestras sobre a indisciplina e o **Bullying** proferidas pela Prof.^a Doutora Beatriz Pereira, de quem já atrás fizemos referência e, sucintamente, apresentámos um breve curriculum.

De acordo com a programação dos Conselhos Directivos e com a sua colaboração os alunos irão ser envolvidos com o tema.

Vai ser publicada, nos jornais da cidade, uma série de banda desenhada, feita pelos alunos, sobre a violência em ambiente escolar em simultâneo com dois artigos sobre o mesmo tema.

Posteriormente vai ser organizada uma brochura que inclua todos os textos publicados na imprensa, bandas desenhadas, palestras efectuadas e seus resumos e quaisquer outros documentos relacionados que tenham sido divulgados junto dos vários públicos.

Este, tal como a nossa conversa de hoje, é um contributo para que possamos enveredar por um percurso de retorno à normalidade, mas com uma melhoria significativa, tendo em conta a leitura e os ensinamentos que os erros que hoje estão a ser cometidos, nos ajudarão a ter um olhar diferente sobre esta problemática e sobre o mundo.

P. Agradeço ao Elicídio Bilé a apresentação deste tema e felicitamos a Comissão Diocesana Justiça e Paz pela organização desta acção na nossa cidade.

Muito boa tarde

Portalegre, 9 de Abril de 2008

Elicídio Bilé